

A Arte e a Ginástica na antiga Grécia

PELO DR. LUDWIG GRÜNDEL
WÜRZBURG

A arte grega se consagrou principalmente à representação do homem, que o Estado considerava como seu melhor tesouro, e que formava nos estádios para sua riqueza e para sua força. A intimidade que a arte grega tinha com os estádios era o que lhe dava o verdadeiro encanto que possuía. A serena observação nos campos de exercícios e a experiência desportiva adquirida por si mesmo, fizeram do artista grego um exato conhecedor do corpo humano. Encantado pela vida humana e por sua própria existência, ia formando a figura humana e, arrebatado por seu próprio sentimento, emprestava-lhe uma graça divina. O arquétipo do artista grego era o jovem e formoso adolescente. O arquétipo do adolescente grego era uma perfeita obra de arte. E assim, a juventude e a obra artística se misturavam em uma deliciosa competição. O cidadão sídudo se colocava a uma prudente distância desta esfera sentimental; entretanto, intimamente, se sentia arrastado por ela. Seus olhos sensíveis, mas críticos, passavam complacentemente da carne, sob a qual pulsava o sangue quente, ao mármore e ao bronze; porque o ateniense era em geral uma estirpe de atletas e "o atletismo era um prazer popular e arte eram os olhos do povo". Por conseguinte, o vivo resplendor do campo de treinamento passava livre e sem tropeços para as oficinas, passava do representado à representação, do espectador ao ator.

Toda arte reflete o caráter e a vida de um povo. O homem que alimentava a imaginação do artista grego andava verdadeiramente, em corpo e alma, pelas ruas de Atenas, com a proporção de membros, com a serena beleza, com a reflexiva disciplina, que nós, cheios de pasmo, divisamos agora nas obras de arte gregas. O modelo de corpo representado pela arte grega não é sempre o mesmo. As diferentes estirpes gregas eram diferentes também corporalmente. Em cada lugar, as condições físicas e espirituais do homem variavam constantemente. Estas modificações do tipo popular grego eram acompanhadas paralelamente por modificações da ginástica. E tão fielmente estas modificações da ginástica seguiam as do tipo grego, que não será exagêro comparar o tipo humano a uma máquina de impressão e as obras de arte gregas aos impressos. Por isso, permitimo-nos falar "da impressão corporal de uma obra de arte sobre a conformação física, e do papel que desempenhou na ginástica".

O século VI A. C., que decorreu sob a orientação de Solon, não pertenceu a si mesmo, mas ao futuro. Foi um século que lançou fundamentos, que buscou formas, que concentrou forças, que se preparou para formidáveis acontecimentos. Imediatamente, foi dada ao pedagogo ginasta ateniense a tarefa de preparar as massas que Solon convocava aos estádios, e de desbastá-las de rugosidades e rigidezes. Nesse mesmo tempo, o artista se encontrava quasi inerte, ante a matéria sêca e dura. Infatigáveis, os escultores se entregavam ao trabalho, mas com meios insuficientes e forças limitadas. De suas mãos, buscadoras de formas, saíam obras imperfeitas: aqueles famosos Apolos sem graça que sorriem perplexos, aqueles atletas e vencedores um tanto torpes, cópias e protótipos que deixam

transparecer uma juventude entravada, ainda pesada e pouco flexível. Mas a ginástica se foi desenvolvendo rapidamente e a arte seguia-lhe as pègadas. Nas pinturas de



O APOLO, DE TENÉA

vasos, as rudes figuras de antes eram substituídas por outras, mais desenvolvidas e mais viris, saídas da escola de

Solon. Pés distintos e estreitos, tornozelos finos, panturrilhas delgadas, coxas fortes, e tronco, descansando sobre cadeiras estreitas, erguia-se até um peito largo e arredondado, completando uma figura forte, esbelta, exata e formosa.

Nos fins do século VI A. C., a arte, com os novos processos da pintura em vermelho e da fundição de metais, pôs fim ao período das imperfeições. Sem esforço, podiam agora o pincel e o metal líquido seguir os movimentos dos membros do corpo humano, com mais flexibilidade.

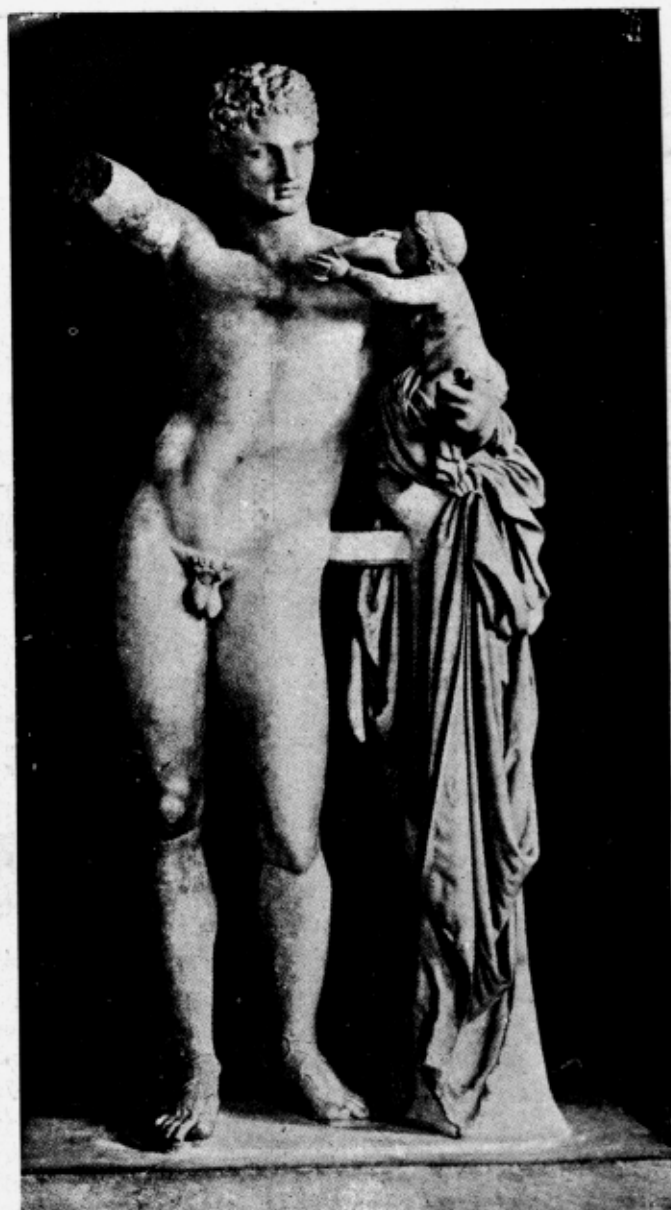
Ao terminar o século, Antenor apresentava o violento grupo dos assassinos do tirano. Essas figuras alanci-

tórica plétórica de homens, que primeiro quebraram os obstáculos que encontraram dentro do recinto da cidade e logo, com a mesma energia, derrotaram em Maratona o inimigo exterior.



O DORÍFORO, DE POLICLETO

ras, chamadas Harmódio e Aristógiton, tinham sido encomendadas em honra dos populares heróis. Na reclusão, eram os representantes inominados de uma época his-



HERMES, DE PRAXITELES

Os homens daquele tempo, homens de ação libertadora, homens aptos e dispostos a cumprir sua missão, empenhando a vida, não podiam ocultar sua trajetória. Eram atletas, não só por sua constituição física e por seus prêmios, como também por seus atos. O artista estava intimamente compenetrado desta consciência e, em suas obras, a acentuava até com rudeza. Seria para ele uma falta grave, considerada contrária às boas normas, valer-se, na representação de movimentos, de homens de modos de expressão diferentes do que estava estatuído nas leis dos estádios, fosse para estar de pé, para andar, para correr, para saltar, para arremessar objetos, como para o pugilato ou para a equitação.

O entusiasmo geral pela figura humana, pelo corpo acerado e desnudo, era tão poderoso como a manifestação da força nacional, do orgulho e da confiança própria. Também aqui iam unidos o estádio e a arte, ao renunciar ao atavio do corpo. Com o momento de esplendor nacional coincidia o máximo brilho da ginástica ática. Todas as forças criadoras, todas as capacidades se uniam na as-

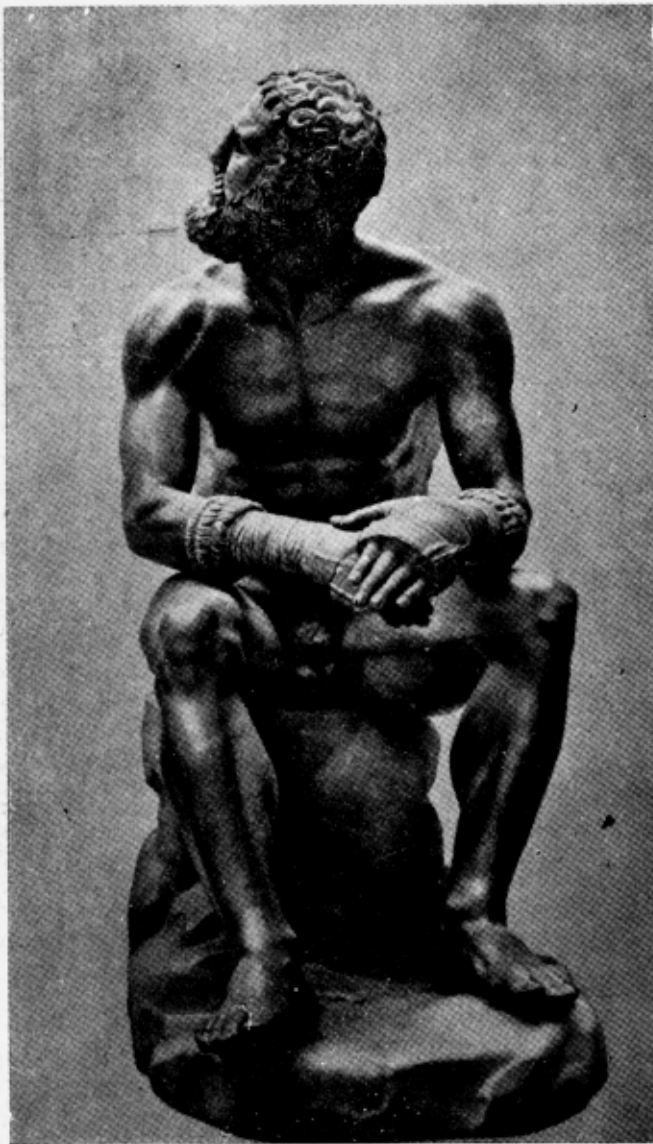
piração de manter e de cuidar do vigor nacional a que haviam chegado. Por isso, tinha que aparecer também necessariamente na arte, a feitura do homem que encarnasse sua época em todos os seus rasgos, como expressão de uma suprema humanidade, como sinal de um pleno bem estar corporal e anímico, como reflexo de uma ginástica sã e enobrecida espiritualmente. O escultor Policleto triunfou neste sentido. Seu doríforo é o modelo perfeito de uma humanidade enobrecida e dominada pelo sentimento do estilo. Forte e são, briosamente colocado no solo, fortalecedor como a coluna dórica que então dominava a arquitetura como nota característica, disciplinado, ponderado, livre e imponente, a-pesar-de modesto, conciente de si

povo ateniense atirou sobre as rochas da cidadela os escombros da incendiada Acrópolis, junto com os restos da arte antiga, como si quisesse enterrar seu passado, ante a contemplação de um futuro mais grandioso. Sem suspeitar, sepultou também as origens de sua força vital. Na posse segura da liberdade, começou a esquecer-se dos caminhos que levavam a ela. Entregou-se a magnificências e suntuosidades alimentadas pelas imensas riquezas que afluíram a Atenas. O bem-estar e a incontinência perdem um povo que se fez grande na simplicidade e na pobreza.

Os sofistas vertiam o veneno da insubordinação e da crítica. Quanto mais iam rareando, em suicidas guerras intestinas, as filas dos homens de valor, que iam sendo substituídos por homens inferiores, tanto mais iam desaparecendo os restos de fé, de fidelidade e de bons costumes. No torvelinho da perdição, a ginástica se viu também arrastada. A juventude abandonou as lutas aos atletas profissionais que surgiam de pronto da vida ginástica, a escória da Grécia. Não havia vício que a juventude não conhecesse. Indolentemente, passeavam agora pelas palestras, pelos estádios, pelas termas, e, derrotistas, criticavam com chalaças grosseiras e zombavam cínicamente dos velhos tempos "em que o pudor dirigia as dansas". "As palestras estavam vazias. Já não havia homem capaz de correr uma pista: ninguém mais exercitava o corpo" (Aristófanes). A pintura de vasos, verdadeira arte do povo, só se conheceu nos tempos em que as palestras inspiravam os artistas. Agora, êsses desenhos eram uma raridade. As conseqüências desta decadência não podiam deixar de manifestar-se também na constituição física dos homens. "Peito largo e soberbo, tez brilhante, músculos tensos, cadeiras estreitas", assim encomiava Aristófanes ao adolescente ateniense de outrora. A êste quadro se opõe o que lhe oferece uma juventude degenerada pela inação e debilitada pela vida de prazeres: "espáduas estreitas, débil de peito, palidez cutânea, músculos frouxos, quadris femininos e... bôca insolente".

Era impossível que a arte grega deixasse de observar essa transformação do corpo. A verdade é que a arte renunciou reproduzir cruamente a degeneração que um severo censor de costumes pintou seguramente, com côres mais negras do que o eram na realidade; mas a arte agora já não produzia mais aquelas belas figuras atléticas de um Policleto. Desde Fídias, era preferido o corpo esbelto e fino de membros, como a coluna jônica, que tinha chegado a impor-se. Comparado com o recolhimento e a precisão do doríforo, o novo corpo denotava falta de dureza exterior e fraca consistência interior. E si neste não se podia ler o abandono de que o acusava o autor de comédias, contudo se podia apreciar a perda de qualidades corporais, que o levava a um gênero de vida a que se refere Platão, criticando o jovem daquela época: "Sua vida transcorre dia por dia, abandonando-se ao desejo que no momento o assalta, tão pronto para banquetes e para a ebriedade dos sons musicais das flautas, como para contentar-se com um pouco d'água e escasso alimento; si por acaso se entregava a algum exercício, desde logo se deitava sobre uma pele macia, sem preocupar-se com coisa alguma. Em suma, nem a ordem, nem o senso do dever regiam sua vida; dissipava o dia até o fim, e a isto chamava uma vida agradável e feliz".

Praxiteles modelou aquele corpo delicado, no qual foram sacrificados o contorno preciso e a tensão dos músculos, à linha branda. Êsses corpos, conquanto fortes, não podiam negar que eram filhos de uma geração dura e bem conformada, mas não deixavam dúvida de que já estavam cansados de disciplina. A serenidade do doríforo era a



O PUGILISTA SENTADO, DA ÉPOCA HELÊNICA

mesmo e de seus fins, — o doríforo magnífico resultou de uma escola longa e penosa. Talvez sua figura tivesse inspirado os antigos poetas, que viam, no povo grego, "o embrião de uma geração de deuses."

Nos grupos do Partenon, não tardou Fídias a dar à cidade de Atenas o "Hino à Figura Humana". A tradição artística trazia arraigada aquela grandeza; contudo, suas próprias obras, e ainda a de seus discípulos, denunciavam já um novo espírito de uma nova época. Quasi imperceptivelmente, começava a ser outra a conformação do corpo e, do mesmo modo, os homens já eram outros. O perigo persa já havia sido conjurado. Com ânimo e esforço, o

serenidade da ação. A serenidade de Hermes de Praxiteles era a serenidade do cansaço e do exgotamento. Sentese formalmente que os homens de seu tempo não eram dispostos a uma atividade enérgica e a uma ação violenta, e que pouca vontade tinham de empunhar um disco ou uma espada. Fracos de vontade, cediam, dobravam-se pelos quadris e necessitavam de apôio exterior. A visão triste-nha, distante, característica dêste ciclo artístico, não é uma questão de forma: é uma expressão de alma. Com vã nostalgia, com melancolia, voltava-se a vista ao passado viril e se prescrutava receiosamente o porvir.

Um povo em crise! Os mais capazes se afanavam em evitar a ruína. Sócrates e Platão prégavam a renovação nacional. Tinha-se que fazer voltar a juventude envilecida aos antigos e singelos exercícios físicos. O estadista Licurgo não se conformou com palavras. No ano 350 A. C. ampliou o Liceu, edificou o Estádio e restabeleceu as festas panatênicas. O povo recebeu um novo abalo. Pinturas animadas de vasos e magníficas obras inspiradas em Policleto davam testemunho daquele ressurgimento da ginástica ática. Mas desde logo se extinguiu êste fogo de entusiasmo, tão rapidamente como se havia acendido. Lentamente, foram desmoronando-se os Estados gregos, enquanto que, ao norte, a hora decisiva se aproximava. Em 338 A. C. verificou-se a aniquiladora batalha de Querônea.

Daí por diante, a ciência e a ginástica seguiram caminhos diferentes, e a arte revela êste divórcio. O desconcerto da coluna coríntia deslumbrava a vista e o gôsto. A orientação artística que se inspirava no homem que não

se havia sujado na poeira das palestras, nem havia vertido suor nos pugilatos, privou suas obras dos últimos êcos de virilidade de uma humanidade vigorosa, dando aso a formas de indizível feminidade.

A outra orientação, que se inspirava na escola atlética, apresentava os deuses e os heróis na ostentação musculosa de um pugilista de pêso pesado, invicto, mas grosseiro, sem impressões espirituais e anímicas. A arte e a ginástica deixaram de ser mananciais de saúde, meios de cultura e de educação. Todavia, o helenismo viveu por muito tempo, envaidecido das glórias do passado.

O aparecimento de um homem cabal de outrora, na vida ou na arte, era uma obra do acaso, assim como o era o aparecimento, de quando em quando, de fantasmas da arte e da ginástica, afanando-se por estender uma ponte sôbre o abismo que separou em duas classes — a dos brutais e a dos efeminados — a nobre raça dos gregos em decadência.

A Educação Física na Fôrça Pública de S. Paulo

A entrega dos diplomas aos novos instrutores

A 14 de dezembro último, realizaram-se as cerimônias da entrega dos diplomas aos oficiais e inferiores da Fôrça Pública, que terminaram o Curso de educação física, no corrente ano.

As festividades relativas à colação de grau dos novos instrutores e monitores, decorreram em um ambiente de entusiasmo e cordialidade, pondo em relêvo, mais uma vez, a disciplina e educação militar dos componentes da centenária corporação, que é um dos orgulhos do Estado de S. Paulo.

Coincidindo a data com a passagem do 104.º aniversário da fundação da Fôrça Pública, a Rádio S. Paulo — P. R. A. 5 —, prestando uma significativa homenagem ao soldado paulista, fez instalar no salão nobre do Centro Social de Ofi-

NO CENTRO SOCIAL DE OFICIAIS

As 21 horas, quando ali chegaram as autoridades, já os salões daquele Centro se achavam literalmente cheios do que havia de mais seleta nos meios civis e militares.

O snr. Cel. Milton, ocupando, em primeiro lugar, o microfone da P. R. A. 5, fez, aos oficiais diplomados, uma belíssima exortação sôbre a missão que S. Paulo lhes confiava, e sôbre a alta responsabilidade que lhes era atribuída como educadores militares e como co-responsáveis pela formação das novas gerações brasileiras.

Realizada a entrega dos diplomas, usou da palavra o paraninfo da turma, 1.º ten. médico dr. Erlindo Salzano, pro-



O CORONEL MÍLTON DE FREITAS ALMEIDA, COMANDANTE GERAL DA FÔRÇA PÚBLICA DE S. PAULO, O MAJOR PEDRO PRADO FILHO, COMANDANTE DA E. E. FÍSICA, CERCADOS DO CAP. ESDRAS DE OLIVEIRA, ORADOR OFICIAL DA TURMA, 1.º TEN. DR. ERLINDO SALZANO E 2.º TEN. JOÃO FRANCO MADIA, PARANINFOS DAS TURMAS, NO DIA DA SOLENIDADE DA ENTREGA DOS DIPLOMAS AOS NOVOS INSTRUTORES E MONITORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DAQUELA CORPORÇÃO MILITAR

ciais, os seus aparelhos de transmissão, afim de irradiar a cerimônia, transmitindo, nos intervalos, os trechos mais significativos e mais eloqüentes da história daquela briosa corporação militar.

As 13 horas, na Escola de Ed. Física, os oficiais diplomados ofereceram ao snr. Cel. Milton, comandante geral, comandante e professores da Escola, um almoço, que decorreu festivo e na maior harmonia.

As 20 horas, na sede do Centro Social de Sargentos, com a representação do Secretariado do Governo do Estado e com a presença de altas autoridades militares, teve lugar a entrega dos diplomas aos novos monitores. Iniciando, falou o snr. Cel. Milton, que, em feliz improviso, salientou o valor da educação física militar, como elemento preponderante da eficiência de uma tropa, concitando os recém-diplomados ao cumprimento do seu elevado dever de soldados e educadores. Paranifou a turma de sargentos o snr. 2.º ten. João Franco Madia, que, no seu discurso, depois de fazer um estudo geral sobre a história da educação física, focalizou as suas grandes vantagens e as grandes conquistas por ela feitas no terreno da civilização.

Encerrando, falou o orador oficial da turma, sargento Antônio Mendonça, agradecendo a presença das autoridades e afirmando, em nome de seus colegas, a certeza de bem servir ao apostolado da Educação, para o qual o diploma recebido lhes dá ingresso.

fessor da Escola, um dos elevados expoentes da F. P. e quiçá, da classe médica. S. S., em seu discurso, verdadeira peça literária, demonstrou, não sômente a sua elevada cultura geral e filosófica, como e principalmente, a proficiência técnica de que é dotado como especialista em educação física. Estudou minuciosa e detalhadamente o valor da educação física, em face do problema moderno da educação e a contribuição dessa especialidade na formação física e moral que deve ser a pedra angular duma nacionalidade.

Em nome dos oficiais diplomados, usou da palavra o cap. Esdras de Oliveira, orador oficial que, depois de ligeiro retrospecto sôbre a história da educação física, referiu-se à mesma, no Brasil e particularmente em S. Paulo e à formação e desenvolvimento da Escola de Ed. Física da Fôrça Pública.

Depois de relembrar os serviços prestados pelo cap. Balancé e Lemetric, fundadores do Centro de Educação Física de S. Paulo, o orador procurou demonstrar os serviços prestados pela Escola, como elemento de preparação militar, e como elemento de ligação entre militares e o povo paulista. Estudou a fundação do Departamento de Educação Física do Estado, focalizando os serviços prestados pelo Governo do Estado neste particular e as vantagens advindas ao povo com a difusão da educação física. Particularmente sôbre educação física militar, S. S. referiu-se ao muito que a Fôrça Pública deve a administração do snr. Cel. Milton e ao cari-

nho que esse chefe militar dispensa a esse ramo de atividade na Força Pública, dotando esta de todos os meios necessários ao desenvolvimento do seu departamento de educação física, de maneira a poder corresponder à sua alta finalidade.

Encerrando as solenidades, falou o snr. major Pedro Prado Filho, diretor da Escola, que, em curto, porém feliz discurso, saudou os novos diplomados, concitando-os a se manterem dentro dos princípios de disciplina, aplicando à tropa que comandam os ensinamentos recebidos no Curso.

Agradecendo as autoridades presentes, S. S. teve ocasião de reafirmar aos membros do Governo de S. Paulo e às altas autoridades militares a certeza de que seus comandados, seguindo o exemplo dos chefes, não poupariam esforços e nem mediriam sacrifícios no cumprimento dos seus deveres de soldados e no empenho que tinham, de tudo fazerem pela grandeza de S. Paulo e grandeza do Brasil.

DISCURSO PROFERIDO PELO SNR. MAJOR PEDRO PRADO FILHO, COMANDANTE DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA FORÇA PÚBLICA

"O comando da Escola de Educação Física consigna, como um acontecimento inédito, nos anais desta Escola, o dia de hoje, pelas cerimônias de encerramento de um dos seus Cursos.

As festividades promovidas pelos alunos são bem o reflexo de que algo de útil se tem feito em prol do esporte na Força, e marca também, em etapas vivas, o nosso desejo de cada vez mais trabalharmos pela nossa Escola, para que possa ela preencher, dentro e fora da Força, galhardamente, a sua finalidade.

Esta é uma festa de alegria!

E' uma afirmação de contentamento e de orgulho, demonstrada por oficiais e sargentos alunos, após terem passado no convívio da Escola, alguns meses de estudo quotidiano, das disciplinas aqui ministradas.

Verifica-se, pela espontaneidade com que os alunos idealizaram e estão realizando esta festa o contentamento pela conquista do título que acabam de receber.

E' o quanto basta.

Este comando não poderia esperar melhor recompensa e ter mais severo julgamento do que o demonstrado nesta oportunidade, onde uma plêiade de distintos oficiais e disciplinado grupo de sargentos, se manifestam orgulhosos do diploma que conquistaram e satisfeitos com os seus mestres da nossa velha Escola de Educação Física.

Na minha missão de comandante, não vos darei os conselhos protocolares dos paranimfos, mas vos direi o que mais uma vez vos disse durante o tempo em que servistes sob meu comando.

"Trabalhai pela disciplina e pela ordem, sempre e sempre convictos, porque dentro deste salutar conceito está todo o segredo, não só da organização das Forças Armadas, si não também de toda organização social.

"Da vossa lealdade, desprendimento e disciplina, destes provas bem patentes, durante o tempo de convívio no ambiente escolar, sob meu comando.

Por isso da vossa parte, estou bem certo das vossas intenções, mas difundi, tanto quanto possível, dentro e fora da Força, os preceitos salutáres da disciplina paternal, mas enérgica, que é a forma da disciplina criadora, do ambiente de concentração de todos os esforços em torno de uma só força — a do chefe!

Passadas as diferente fases político-sociais da nacionalidade, o ambiente de ordem volta; fortalecido o princípio da autoridade em todos os setores da comunhão brasileira e, particularmente em S. Paulo e especialmente na Força, onde a tropa encontra, no selecionado grupo de comandantes e na figura singular do senhor Cel. Milton de Freitas Almeida, os seus valorosos condutores.

E essa força de coesão e disciplina, de trabalho e de ordem, estão alicerçadas pelos grandes Paulistas, os ilustres senhores doutores Leite de Barros, digníssimo Secretário da S. Pública e dr. Armando de Sales Oliveira, prorecto Governador do nosso grandioso Estado. Por isso, meus senhores, dentro de um ambiente tão salutar e digno, cada vez mais trabalhemos por um S. Paulo grande, dentro de um Brasil unido e forte!"

Ecos da Colônia



O COMANDANTE DA E. E. F. E., O DR. SOUZA FIGUEIREDO E A "MASCOTE" DA COLÔNIA NO PEDESTAL DO DISCÓBOLO, EM FRENTE AO GINÁSIO LEITE DE CASTRO



O EMBARQUE DOS GAROTOS NO MORRO DO PINTO

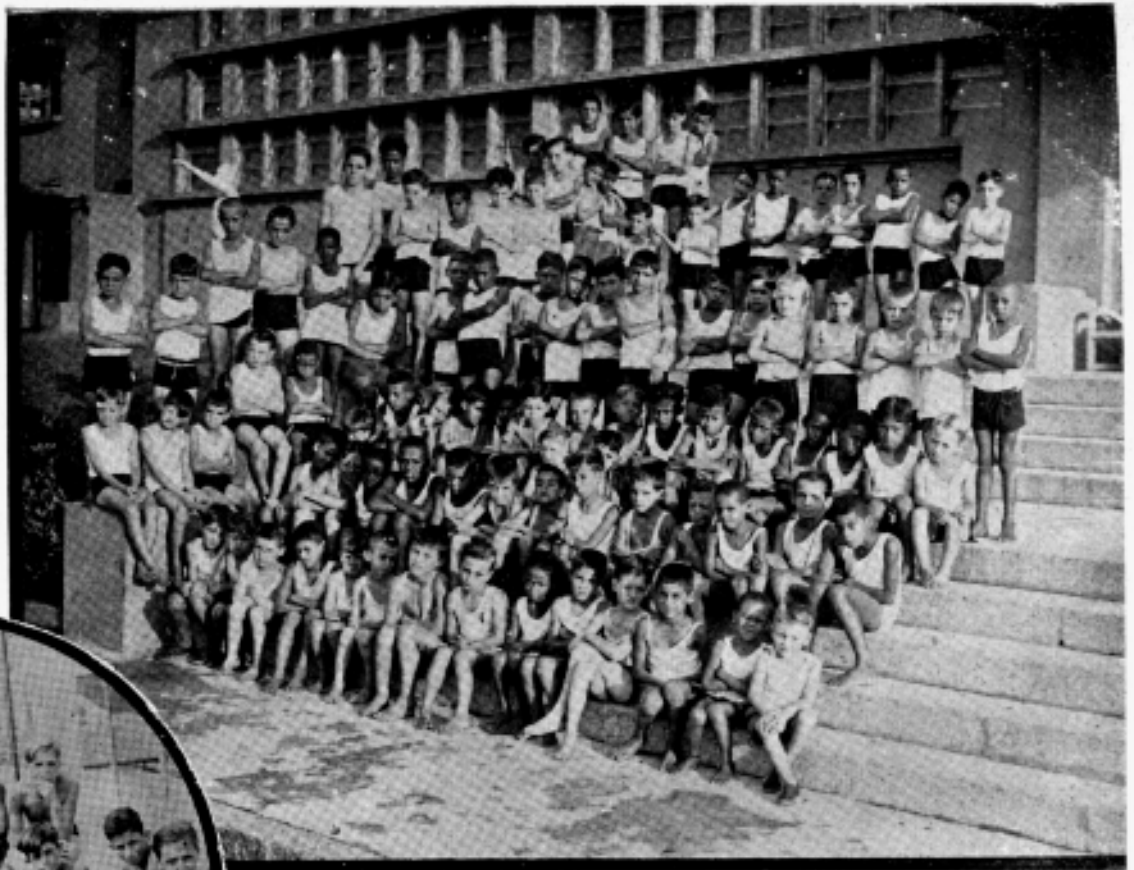
O CAPITÃO INÁCIO ROLIM, PROMOTOR DA COLÔNIA, E O DR. SOUZA FIGUEIREDO, AO LADO DA GAROTADA, ANTES DO EMBARQUE PARA A E. E. F. E. — NAQUELE DIA, AQUELAS FISIONOMIAS INFANTIS ERAM DE EXPECTATIVA.



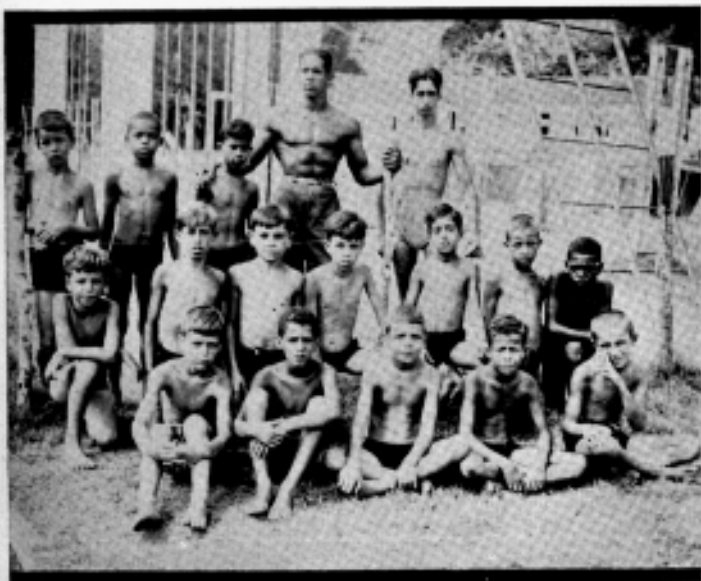
O EMBARQUE DOS GAROTOS DA PEDRA DO SAL, EM ÔNIBUS DA LIGHT



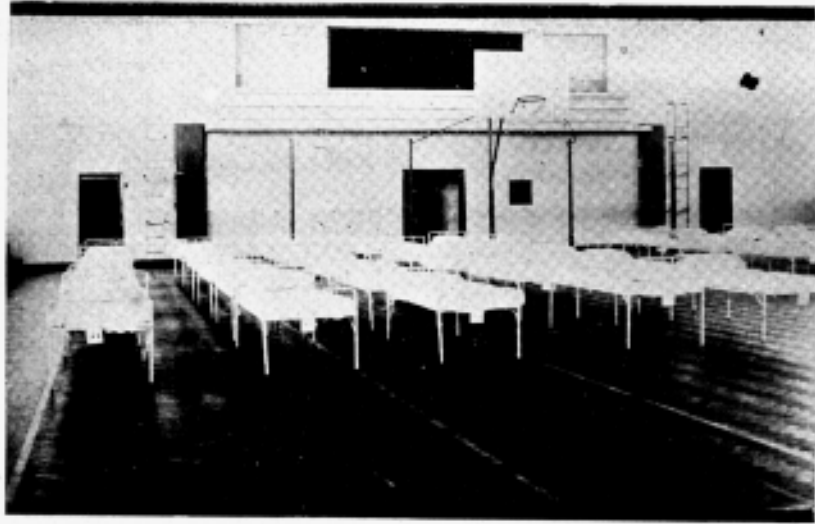
de Férias dos "Filhos



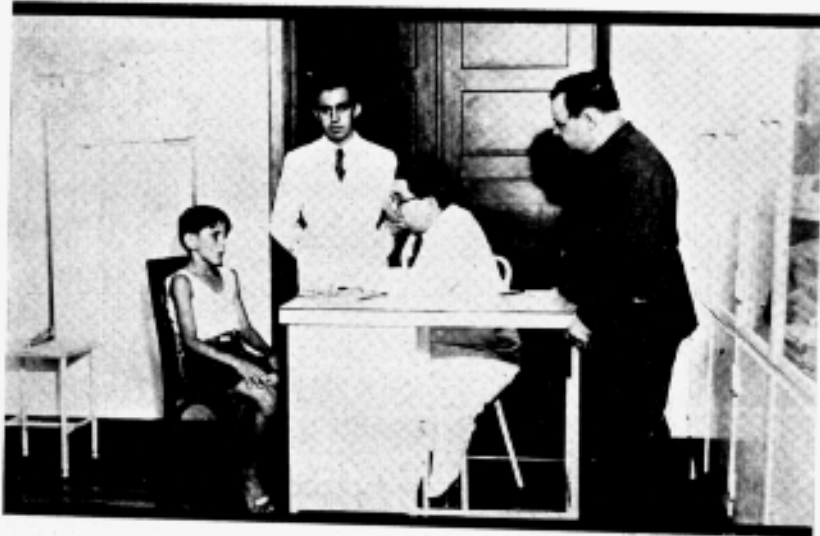
do Morro" na E.E.F.E.



CERCA DE UMA CENTENA DE GABOTOS "FILHOS DO MORRO" FICOU ALOJADA NO AMPLO E AREJADO SALÃO DO GINÁSIO LEITE DE CASTRO, DA E. E. F. E. — PARA A PRÁTICA DE EXERCÍCIOS, FORAM ÊLES DIVIDIDOS EM 5 GRUPOS DE VALOR FISIOLÓGICO EQUIVALENTE, SEGUNDO AS BASES DO MÉTODO FRANCÊS.



Os
"Filhos
do
Morro"
na
E. E. F. E.

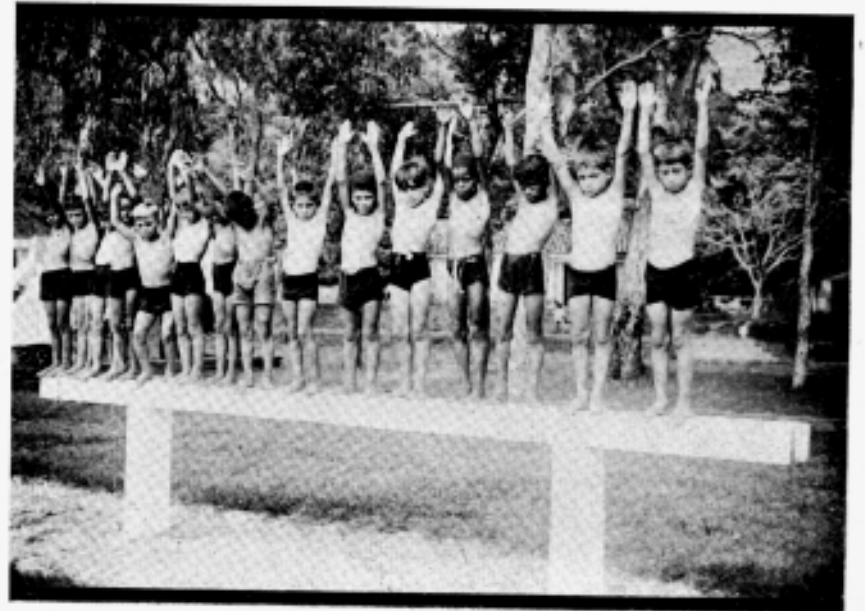


O DORMITÓRIO INSTALADO NO SALÃO DO GINÁSIO.—
O EXAME CLÍNICO.— O EXAME PSÍQUICO.— TRATA-
MENTO DE DENTES.— O BANHO.— OS TESTES DE IN-
TELIGÊNCIA.— UMA AULA DE CANTO ORFÈDÔNICO.

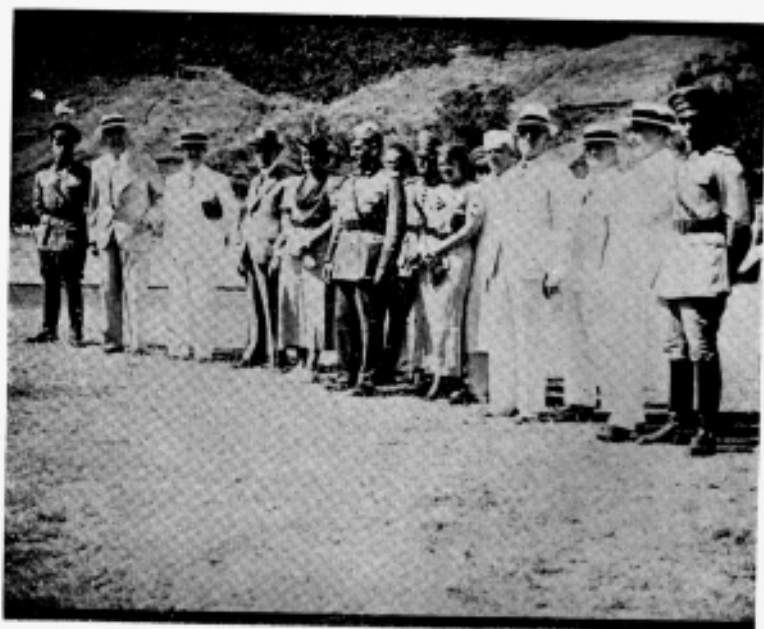
Os "Filhos do Morro"
na E. E. F. E.



CANTO ORFEÔNICO PELO MAESTRO VILA-LOBOS. — EM CONTINÊNCIA À BANDEIRA NACIONAL. — O BANHO DE SOL. — OS EXERCÍCIOS FÍSICOS. — O BANHO DE MAR. — AS FISIONOMIAS INFANTIS AGORA RESPLENDIAM ALEGRIA...



Gr. Filhos de Moçambique na E. E. F. E.



VÁRIOS FLAGRANTES DO ENCERRAMENTO DA "COLÔNIA DE FÉRIAS", COM A PRESENÇA DAS ALTAS AUTORIDADES. — O PROF. FERNANDO MAGALHÃES E O CAP. FLORIANO TORRES HOMEM DIRIGEM A PALAVRA AOS GURÍS, EM BREVES E SUGESTIVAS ORAÇÕES — UMA DEMONSTRAÇÃO DE GINÁSTICA INFANTIL FEMININA, PELO PROF. TARSO COIMBRA, DA P. R. H. 8

